

Um mais-que-palavras: em busca dos significados de uma escrita que se fez possível

### **Some more-than-words: searching for the meanings of a writing that became possible**

Franciele Brito da Silva<sup>1</sup>

Camila Piva da Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta narrativa é sobre a história de uma menina de 13 anos que chegou até a clínica acompanhada de seu silêncio, de sua dor e de seu abandono. Uma paciente melancólica, que viu nos atendimentos uma possibilidade de se reinscrever no mundo real. Uma história que é narrada em três atos, os quais permeiam um mais-que-palavras: o silêncio, o corpo e a escrita – atos simbólicos de comunicação e de elaboração, repletos de significados e enigmas a serem decifrados. Assim, foi atravessando os significados de seu silêncio e de seu corpo que chegamos ao processo concreto de apropriação da escrita. Uma escrita que se fez possível. Palavras-chave: silêncio; corpo; escrita; palavra.

**Abstract:** This narrative is about the story of a thirteen year-old girl who came to the clinic followed by her silence, her pain and her abandonment. A melancholic patient, who saw in the meetings a chance to re-enroll into real world. A story that is told in three acts, which permeate some more-than-words: the silence, the body and the writing – symbolic acts of communication and working through, full of meanings and riddles to be deciphered. So, it was by crossing the meanings of her silence and her body that we arrived to the concrete current process of writing appropriation. A writing that became possible. Keywords: silence; body; writing; word.

Através desta produção clínica, proponho-me a compartilhar com vocês a história de uma menina chamada Maria<sup>3</sup>, contando o trajeto desta paciente até o momento de descoberta de uma escrita que se fez possível. Com essa paciente, compreendi que “escrever é abrir o espaço para construir pontes com palavras, [...] é dar forma a estes conteúdos que empurram por vir à tona” (Reisin, 2005, p.156).

Em prosa e verso, contarei essa história em três atos, que permeiam um mais-que-palavras: o silêncio, o corpo e a escrita. Começando pelo princípio de tudo, narrarei a escuta que fiz de seu silêncio... Um silêncio que, primeiramente, representava um vazio. Aquele tipo

---

<sup>1</sup> Psicóloga pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – Gravataí, RS. Aluna do curso de psicoterapia psicanalítica do Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (CIPT) – Porto Alegre, RS. E-mail: [bsfranciele@gmail.com](mailto:bsfranciele@gmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em psicoterapia psicanalítica da infância e adolescência do Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (CIPT) – Porto Alegre, RS. Mestra em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre, RS. E-mail: [camilapdacosta@gmail.com](mailto:camilapdacosta@gmail.com)

<sup>3</sup> Inspiração no poema “As Meninas” de Cecília Meireles.

de vazio que angustia, que nos inquieta e que convoca, com urgência, um olhar. A mim, vinha representando o vazio de uma vida. E, sem ignorar este vazio, buscando significados para ele, iniciava o meu vínculo com Maria, me perguntando a todo instante ‘Quem era Maria? O que queria Maria?’. Em resposta a essas indagações, algo dentro de mim dizia ‘Não, ela não era apenas esse silêncio. Não, ela não era somente um vazio’. Para mim, seu corpo, também como ato de representação, pulsava, gritava, falava muito mais que mil palavras saídas da boca. Sim, essa menina era um mais-que-palavras, tudo nela era repleto de significados e enigmas a serem decifrados, compreendidos. E mais do que qualquer coisa, essa menina necessitava ser olhada. Olhada mais de perto, mais de perto, mais de perto.

E assim, através de um olhar e de uma presença constante e próxima da terapeuta; e assim, em um dia em que o silêncio se desfez; e assim, quando um pequeno discurso se iniciou, por entre espinhos e flores, a palavra surgiu! Agora sem mais o vazio, está repleta de vida, verdades e significados... Cada ato a seu tempo, os personagens estão a postos e as cenas estão completas para serem revisitadas, as palavras ganham forma: “Palavras, simples palavras. [...] Quanta magia sutil possuíam! Pareciam capazes de dar forma plástica a coisas informes. [...] Haveria alguma coisa tão real como as palavras?” (Wilde, 2011).

### **Apresentando: Maria**

*(...) Mas a nossa profunda saudade  
é Maria, Maria, Maria,  
que dizia com voz de amizade:  
"Bom dia".  
("As Meninas" – Cecília Meireles)*

Toda história tem seus personagens, seus heróis, seus vilões, todos aqueles que constituem um enredo a ser narrado. A personagem principal desta história que agora lhes apresento é Maria, uma menina que reside há mais de um ano em um abrigo e veio para atendimento comigo em maio deste ano<sup>4</sup>. E Maria não veio só... A menina chegou até mim acompanhada de seu silêncio, de sua dor e de seu abandono. Uma menina que chegou com uma história de encontros e partidas, menos chegadas e mais despedidas. Que a partir de um

---

<sup>4</sup> Veio para atendimento por apresentar “crises de choro recorrentes”, queixa apresentada pela psicóloga da instituição onde Maria encontra-se acolhida.

novo encontro que iniciou comigo, convocou-me a ser mais uma personagem de sua história, autorizando-me, desta forma, a narrar ela para vocês

Em meu primeiro encontro com Maria, deparei-me com um retrato da tristeza. Como em um quadro do pintor Van Gogh em que os personagens expressam vazios em seus rostos, Maria era o retrato de uma melancolia que vinha representada em uma garota de 12 anos<sup>5</sup>: os cabelos descuidados, um olhar triste e vazio, um rosto sem sorriso e sem vida. Enfim, uma menina caracteristicamente triste. De acordo com Freud (1917 [1915]), a melancolia muitas vezes se manifesta como uma representação do sofrimento diante da perda do objeto amado, pontuando ainda que a perda deste objeto pode não se tratar de uma morte real, mas sim, simbólica. Seguindo com a discussão, Freud afirma que a pessoa pode ter consciência de que esta perda lhe acarretou dor, tristeza, “mas apenas no sentido de que sabe *quem* ele perdeu, mas não o *que* perdeu nesse alguém” (p.251).

Os escritos de Freud acerca da melancolia e desta perda de objeto se articulam com precisão à história de Maria. Desde o início dos atendimentos, a paciente manifestava em gestos toda sua dor, acarretada pela separação dela e da mãe, e também seus sentimentos de saudade em relação à figura materna, expressando um grande vazio pela falta deste objeto. Assim, a melancolia demonstra possuir traços característicos de um processo de luto (Freud, 1917[1915]). Segundo Bolwby (1997), no processo de luto, de perda do objeto, há uma fase de saudade e busca da figura perdida. Kovács (1996) ainda afirma que diante da perda do objeto amado, de uma separação, pode haver a “possibilidade de se perder, junto com o perdido, o significado da vida” (p.15). Assim, seria necessário construir ‘uma nova vida’, a qual o sujeito deveria de alguma forma ‘(re)elaborar’.

No abrigo, Maria parecia ser ‘forçada’ a esquecer, a se desligar definitivamente de sua mãe. Em atendimento, afirmava “Eles querem que eu não sinta saudade dela, que eu esqueça ela, mas apesar de tudo que eu passei, ela ainda é minha mãe e eu amo ela”. Desta forma, para manter a mãe viva nela, Maria passou a escrever a letra ‘M’, de mãe, em seu corpo (como uma tatuagem), e junto a esta letra o símbolo do infinito. Ressalto que a paciente sempre mostrou ter compreensão de toda negligência da qual foi vítima, mas ainda referia que o ‘lar’ é ‘com sua família’ e ‘tristeza’ é ‘não estar com a família’, sendo a ‘família’, para ela, ‘amor’. Assim, ao ser retirada de seu lar e de perto das pessoas que amava, mãe e alguns irmãos,

---

<sup>5</sup> Idade da paciente no início dos atendimentos.

Maria foi se ‘fechando’, voltando-se para ela, representando o que Freud nomeia de inibição melancólica, uma significativa diminuição de sua autoestima e um empobrecimento de seu ego, o qual encontrava-se em um vazio.

Em uma das sessões, quando eu elogiei seu desenho, Maria escreveu para mim: “Muito obrigada pelo elogio que você me deu, mas você desenha mais bonito do que eu. Meus desenhos não são não, são feios. Mas você acha meus desenhos bonitos, então eu também vou achar”. Com um ego frágil, Maria demonstrava não encontrar qualquer valor e qualidades nela mesma. A todo momento, parecia esperar ser ‘expulsa’, ser ‘abandonada’. Assim, no início, por vezes se mostrava agressiva comigo, achando-se não merecedora daquele espaço, trapaceando nos jogos, evitando contatos comigo, indo embora sem se despedir. Porém, passei a compreender essas atitudes como uma convocação do meu olhar para ela. Assim, diante de minha constância, algo começou a mudar.

Winnicott (2011) pontua que uma depressão simples ou mesmo a fúria indicam, ao menos, que a criança conserva a unidade de sua personalidade e retém um sentido de preocupação; ela está, na verdade, assumindo a responsabilidade por tudo o que deu errado. Desta forma, essa melancolia, por vezes agressividade e angústia, manifestadas por Maria, apresentavam-se como uma resposta e reação aos fatores ocorridos em sua história de vida e desestrutura familiar. Pensando nisso, passei a ver na paciente pontos positivos que, de alguma forma, estavam ali. Toda sua agressividade, uma fúria manifesta, diziam que algo dentro dela se movia e a fazia sair da estagnação. Essa agressividade pode ser compreendida, de acordo com Winnicott (2012), como uma fonte de energia do indivíduo, uma pulsão. Assim, Maria ainda desejava (e por que não dizer ferozmente?) resgatar o direito que tinha de ter uma vida e vivê-la, resgatar o que dentro dela se encontrava perdido.

A característica de inibição melancólica da paciente, em um primeiro momento, não me permitia ter acesso ao que tanto lhe absorvia; vinham, então, seus ‘distanciamentos’ e seus silêncios. Mas embora estes silêncios existissem e fossem frequentes, e as palavras poucas e escassas, Maria se manifestava de alguma forma, demandando sempre uma interação comigo: ora jogávamos, ora desenhávamos, ora pintávamos. Em todos os atendimentos trabalhávamos a elaboração de alguma forma, à sua maneira. Assim, olhando mais de perto para os silêncios e pensando no que se movia dentro dela (pois algo se movia!), encontrei uma forma de ter

acesso a Maria e à sua dor: através da escuta deste silêncio que algo desejava comunicar, um primeiro ato repleto de significados.

### **1º Ato: uma escuta do silêncio**

Dar voz ao silêncio não se constituiu como uma tarefa fácil. Como Zimerman (1999) pontua, há poucos estudos na literatura psicanalítica que tratam deste aspecto; principalmente, em relação ao silêncio do paciente com uma compreensão para além de uma mera ‘resistência’. Como o autor, pretendo abordar “o silêncio como um desconhecido ‘idioma de comunicação’ que está à espera de uma decodificação de uma tradução em palavras simples e compreensíveis” (p.369).

O silêncio, na clínica psicanalítica, não deve ser tratado como um mero vazio. Ele é repleto de significados e desejos e urge por ser ‘escutado’. No início da escrita deste trabalho me referi a um vazio, mas não a um silêncio vazio, e sim a um silêncio que vinha *representando* um vazio. Loparic (1999) retrata que o silêncio vem representar aquilo que ainda não está passível de ser dito com palavras, mas que nem por isso é um nada no vazio (embora, nesta história, represente o vazio). O autor trata o silêncio como um sinalizador de algo que ainda não está acessível, mas que está lá, encobrindo uma realidade ‘escondida’, seja ela ‘material’ ou ‘psíquica’, que urge por ser descoberta, revelada, olhada. Assim, “o silêncio é o efeito de uma palavra em espera” (Thomas, 2010, p.83).

E quais palavras de Maria estavam à espera?

Não é fácil a tarefa de entregar a um ‘estranho’ (que no início é o terapeuta) tudo que há de mais profundo dentro de si, mostrar-lhe seu íntimo e sua história, confiar-lhe seus pensamentos e suas emoções mais particulares, as quais não ousa admitir nem para si mesmo (Reik, 2010). Assim, o rompimento do silêncio se apresenta como algo impossível para aqueles que têm a inibição por sintoma, pois o desconhecido os assombra, os desassossega (Audouard, 2010). Porém, será exatamente este desassossego que os levará ao ato da palavra. Segundo Audouard (2010), “guardar silêncio ou tomar a palavra é a mesma coisa quando é ato, [...] quando somos puxados para fora de nós” (p.138).

Assim, o silêncio tratará de uma pulsão que irá levar o paciente adiante, fazendo-o progredir e o levando também a um lugar mais profundo dentro de si (Reik, 2010). E será este mesmo silêncio que será posto em uma posição de fundador da linguagem (Homem, 2012). Para Audouard (2010), “o silêncio é um limite que no coração da palavra, em seu seio, a todo o momento introduz essa palavra num ‘porvir’ imprevisível” (p.142). Desta forma, será no fundo de um silêncio que a palavra, como ato, reencontrará sua origem (Poulichet, 2010).

De acordo com Reik (2010), “não se trata de um simples silêncio”. Este ‘não dizer’ vibra de palavras que aguardam por serem ditas, as quais estão sempre repletas de representações. Assim, para ele, o que é dito em palavras não é o mais importante, e o terapeuta não deve ouvir somente o que está representado nas palavras, mas também deve escutar o que as palavras não dizem. “Este mais-de-palavra é também um mais-do-que-palavra” (Audouard, 2010, p. 142), palavra que vai muito além de um ponto de vista linguístico. Para o autor, este mais-do-que-palavras marca um encontro do mundo imaginário com o mundo real, que aguarda por uma ultrapassagem das palavras e que irá além de meros dizeres e não dizeres; uma palavra que não é apenas som, mas também significados. Minha paciente Maria, em seus não dizeres, muito me comunicava.

Estes ‘não dizeres’, esta relação que estabelecia com minha paciente, através de um olhar em que não eram necessárias palavras, faziam-me pensar em uma relação mais primitiva da mãe com o seu bebê. Castello Branco (2001) nos fala de uma linguagem pulsional da mãe, a qual deve ser compreendida como uma linguagem dos sentidos do corpo: do tato, dos toques, da voz, do olhar, dos gritos e dos sussurros. Desta forma, resgato Winnicott (1988), o qual afirma que “as principais coisas que a mãe faz com o bebê não podem ser feitas pelas palavras” (p.61). Para o autor, a mãe e o seu bebê se comunicam através de gestos, de ritmo, de cheiros e de tessituras. Com isto, a questão corporal vai se manifestando, possibilitando o surgimento de um segundo ato, de uma linguagem do corpo.

### **2º Ato: um corpo que fala**

Cada pessoa é estruturada através das relações que mantém consigo mesma e com os outros, e toda relação se processa no e pelo corpo, sendo este o que uma pessoa *é* e o que ela *tem* (Marzano-Parisoli, 2004). O autor nos lembra que a vida do indivíduo é sempre marcada

por seu corpo, num fluxo interminável de sensações e gestos. Assim, é no corpo de cada sujeito que está registrada a sua história, ou seja, o corpo é marcado com as vivências e experiências ao longo de seu percurso histórico, dando forma ao seu corpo conforme suas construções de pensamentos e emoções (Albertini, 1994). Além disso, podemos pensar no corpo como uma representação do social, já que ele comporta as marcas do lugar onde o indivíduo vive e de sua cultura, e é “na superfície dos corpos” que se encontra “as profundezas da vida social” (Rodrigues, 2006, p.63). Tudo se expressa no corpo e, muitas vezes, pelo corpo, o qual é repleto de signos, representações e sentimentos.

“O corpo fala!” (Zimmerman, 1999, p.364). O corpo expressa toda esta imensidão de sentimentos e sensações que perpassam por ele. Desde os primeiros atendimentos, ficou claro para mim o quanto o corpo de Maria participava desta comunicação, manifestando através dele o que ela sentia, mas não conseguia dizer com palavras, com voz. Assim, seu corpo pulsava, expressava-se. E foi este corpo que se fez fundamental na sua inserção no modo de expressão através da escrita, como forma de fala. A fala está situada em um ponto de representação entre o eu e o objeto, entre o sonho e a realidade. Enfim, entre o corpo e o mundo externo (Anzieu et al., 1997). O corpo se comunica com a realidade, e comunica a realidade daquele indivíduo. O corpo de Maria representava um desamparo, encontrava-se jogado em um vazio, em um “sem sentido”, mas repleto de significados e, assim como seu silêncio, de enigmas a serem decifrados. Portanto, “o corpo não é algo desvinculado do pensamento, mas, ao contrário, é com e pelo corpo que o pensamento se constrói no tempo, no movimento do corpo e em suas articulações com o mundo e com outros corpos e outras consciências” (Tavares, 2009, p.17).

“Falar do corpo é falar com o corpo” (Silva, 1995, p.76). Como sujeito social, é necessário que o indivíduo se descubra em seu mais íntimo, reconhecendo o próprio corpo como algo seu. E é essa experiência, a ser vivenciada em um universo de corpos que tocam, olham, cheiram, comem, escutam, sentem e lêem o mundo, que os sujeitos se constroem e se constituem. “Assim, olhares, toques, sons, odores, sabores são constituidores da subjetividade humana” (Tavares, 2009, p.15).

Bocas, cabelos, aromas... Palavras repletas de sentidos e sensações, palavras ligadas a um corpo que busca um lugar (e que fala!). Um corpo sozinho nada diz, nada significa (Gil,

1997). Por isso, é necessário o outro e o seu olhar para nomear e dar significados a este corpo. Da mesma forma que lança o olhar sobre os silêncios e os “não dizeres” do bebê, a mãe deve olhar para o corpo de seu filho, nomeando cada gesto seu. Logo, o bebê chega ao estágio do espelho, no qual se torna fundamental o olhar do outro para lhe assegurar que a imagem refletida no espelho é a sua (Cairolí e Gauer, 2008). Maria demonstrava, em seus versos, a solicitação deste olhar materno e de uma nomeação. Começou a “admirar” a figura da terapeuta e, assim, na falta da figura materna real, passou a me ter como um modelo para se espelhar e se constituir como sujeito.

No processo psicoterapêutico em que a criança se constitui, identifica-se e explora o mundo, deve lhe ser proporcionado um espaço em que possa pensar, sentir, brincar, imaginar e criar, merecendo, o corpo, um lugar especial. No *setting*, há pelo menos dois corpos presentes: além do corpo de Maria também estava presente o meu corpo, não esquecendo de mencionar, também, a palavra, que intermedia estes corpos em ação. Segundo Anzieu et al. (1997), a palavra do terapeuta passa pelo corpo inteiro do paciente e pode auxiliá-lo também, no caso do paciente depressivo, a erotizar o próprio corpo para revalorizar sua imagem. Como pontua Feldenkrais (1977), o corpo é algo que deve ser amado, e, também, cuidado, pois irá responder ao que faremos por ele, em sintonia com a forma como faremos. Assim, iremos descobrindo conjuntamente a amar o que está dentro dele, ou seja, nós mesmos.

Durante a passagem para a adolescência, mudanças ocorrem, incluindo mudanças em relação ao corpo, que vai perdendo os traços infantis. A criança e seu corpo infantil vão partindo sem que ela tenha qualquer controle sobre isso, e toma lugar um corpo ‘novo’ com o qual ela passa a estabelecer uma relação e novos sentimentos: primeiramente de estranhamento, para então, aos poucos, ir se adaptando a este corpo que, na verdade, jamais deixou de ser seu (Cairolí e Gauer, 2008). Para Poli e Becker (2004), as modificações da imagem corporal direcionam o sujeito a uma caminhada para reorganizar a imagem especular (ou seja, ao estágio do espelho referido anteriormente), reinscrevendo voz e olhar do outro. Como nos versos de Clarice Lispector: “Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo-a-corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro”. Estas questões corporais, de demanda pelo



olhar do outro, de espelhamento e de descoberta, fizeram-se presentes nos atendimentos com esta paciente.

Maria me escreveu alguns versos, dos quais se orgulhava ao dizer que eram de sua autoria. Da mesma forma como destacam Milanez e Fonseca-Silva (2012), “o corpo passa a ser o lugar da autoria. Na ânsia de preencher os espaços vazios de seu corpo inacabado, o corpo do sujeito resiste à soberania da autoria para escrever as verdades tomadas para si e redigir a escrita da sua libertação” (p.02). Nos primeiros versos dirigidos a mim, a paciente escreveu “Menina bonita dos olhos marrons, me dá sua boca para matar minha sede!”. Com esta escrita, Maria me comunicava o quanto as palavras tinham efeito sobre ela. Para mim, era como se dissesse “Me dê suas palavras, para aliviar minha angústia”. Era desejo – de ter alguém por perto, de ser cuidada. Com isto, a paciente me ofertava seu caderno para que eu também escrevesse versos para ela, em uma troca ativa de sentimentos e afetos.

Além dos afetos demandados, uma questão corporal mais instintiva de sentidos se fazia presente. Neste mesmo atendimento, Maria também escreveu “Menina bonita do cabelo amarelo, me dá seu cabelo para sentir seu cheiro de aroma.”. Assim, gestos e sentidos estavam manifestos em uma relação em que ela buscava estar próxima da terapeuta, demandando, nesta figura, um alguém que lhe desse algo para se constituir em um processo de identificação. Maria ainda escreveu, de forma clara para terapeuta, todos os sentimentos que estavam presentes nela, o que não conseguia dizer com palavras, “Menina desde o dia que eu te vi, fiquei admirando você. Você é a menina mais linda do mundo”.

Comum nos pequenos versos de Maria, era a forma como ela me denominava ‘menina’. Esta nomenclatura me deixava mais próxima dela: uma menina, como ela, a quem ela se identifica e tem como modelo. Nesse processo especular, o outro passa a ser *in-corporado*. O significado desta incorporação deve ser compreendido a partir da palavra *incorporatus*, que no latim quer dizer ‘a ação de unir em um só corpo’, ou seja, o outro (terapeuta) passa a fazer parte do sujeito que o espelha (paciente) e nele é integrado. Desta forma, a linguagem se constitui também em uma prática da *in-corporalidade* (Silva, 1995), sendo através do corpo, assim como através do silêncio, que a linguagem passa a se fazer possível, inaugurando-se.

Maria passou a ter 'voz'. Atravessando os significados de seu silêncio e de seu corpo até o momento de chegarmos ao processo concreto de escrita, fomos dando a oportunidade a Maria de se reinventar e se mostrar como um sujeito real. “A relação harmônica entre o corpo e a escrita busca envolver o indivíduo (criança ou adulto), em todas as ações: movimento, sensação, sentimento e pensamento. [...] Não há vida quando um ser está desprovido de todos os sentidos” (Tavares, 2009, p.15). Mas Maria estava, sim, repleta de sentidos e de sensações. A menina estava, sem dúvidas, cheia de vida. Sim, Maria não estava mais no vazio, ela buscava seus significados através de uma escrita que passa a se fazer possível, no desenrolar de uma trama, em um terceiro ato de elaboração.

### **3º Ato: uma escrita que se fez possível**

Ao longo da história, o recurso à escrita tem se apresentado como um importante suporte ao indivíduo, seja de reflexão, de elaboração ou de construção. Para o antropólogo Jack Goody (em Bernardin, 2003), a escrita produziu uma ruptura na relação dos homens com o real, possibilitando, assim, novos modos de pensamento. “Narrar a si mesmo não é diferente de inventar para si mesmo uma vida; assim, por meio da fala e da escrita pode ocorrer a produção de um sujeito” (Cairolí e Gauer, 2008, p.208). Podemos ainda pensar a escrita como um relato próprio, um depoimento do próprio sujeito que a produziu, visto que não há produção escrita asséptica e assujeitada (Sartore, 2006). Segundo esta autora, toda a escrita, desde que envolve inevitavelmente o outro, é, em última análise, um testemunho. Um testemunho metafórico das vivências deste sujeito, de seus afetos, de seus sentimentos. Nas palavras de Kehl (2001), “é no ato de testemunhar, ou de narrar, ato de fala endereçado a um outro, que o vivido se constitui como experiência” (p.22).

Bernardin (2003) ressalta que “a linguagem escrita é uma linguagem no pensamento, na representação” (p.55), a qual traduz em palavras as experiências vividas, propondo uma outra visão do real. Analisando por este viés, compreendemos as pontuações de Sartore (2006), que afirma que há uma conexão entre escrita textual e escrita inconsciente, ambas repletas de afetos amarrados a significantes e efeito deles. Assim, podemos pensar na escrita como uma parte constituinte do sistema simbólico (Lacet, 2003), e, ainda, através da proposta de Bartucci (2001), “como lugar psíquico de constituição de subjetividade” (p.383).

Para Bernardin (2003, p.190),

A escrita assume um lugar de cristalização da experiência humana, tanto no plano dos mitos quanto no dos conhecimentos: é possível não só refugiar-se neles e mudar de mundo, mas também provocar risos ou dúvidas nos outros, dominar suas angústias (identificar o lobo, o bicho-papão, o monstro, etc.), buscar respostas às questões. (...) Além de provocar efeitos sobre as outras pessoas, a escrita causa efeitos sobre si, em vários níveis.

Weinberg (1999), também destaca a escrita como uma possibilidade de elaboração dos conflitos psíquicos, em que a criança pode reordenar os fatos, organizar sentimentos e nomear emoções. Desse modo, podemos pensar no inconsciente como atuante deste processo, uma vez que ele “lê uma escrita em ruínas e a transforma em significante” (Ritvo, 2000, p. 16). O autor ainda trata disso no campo metafórico, “como se a função do inconsciente consistisse em cifrar e decifrar continuamente marcas apagadas, marcas em estado de ruínas, marcas que se constroem e voltam a destruir-se incessantemente”, assim, “o que o inconsciente faz é inventar, cifrar e não decifrar” (p. 16).

Na psicoterapia com crianças, muitas vezes presenciamos o encontro que se faz possível entre a escrita inconsciente e a escrita real (Bernardino, 2003). Assim, pensando nessa escrita dentro do processo psicoterapêutico, Weinberg (1999) pontua que ela pode propiciar a estruturação da subjetividade do indivíduo. Para autora, a elaboração de algo escrito na situação da clínica adquire um significado especial, porque ocorre dentro de um espaço transferencial, particular e de confiança. Para isso, é necessário o olhar do terapeuta, que sustentará a possibilidade de escrita e produção do paciente. Lacan (1992) afirma que “toda fala chama resposta” (p.112), incluindo, assim, “o discurso do outro no segredo de sua cifra” (p.145). Portanto, podemos pensar que falar e escrever são atos de convocação do outro à cena, como diz Lacan ao destacar que a função da linguagem não é informar ao outro, mas sim, evocar esse outro e o seu olhar. Maria encontrou na escrita uma forma de comunicação e, com isto, uma forma de se ligar à terapeuta, demandando mais que um olhar, mas, também, respostas.

Segundo Fernandez (1987), ao ler algo que produziu, a criança, juntamente a este ato, passa a ler seu interior. Com isto, há um encontro não só com sua palavra, mas também com sua própria história, da qual, com sua escrita, ela irá se apropriar e se permitir criar, recriar, inventar, elaborar. E é no espaço da clínica, através do vínculo terapêutico e de uma relação de confiança que se estabelece neste espaço, que ela pode vivenciar isso, se permitindo

escrever e ser autora de sua história. Através do olhar do outro e de uma resposta, as palavras postas na escrita do sujeito passam a manifestar os seus significados, atravessando lembranças e esquecimentos, atravessando ainda novos sentidos (Schons, 2011).

Pensando nos adolescentes, a escrita pode funcionar como via de expressão, como via de manifestar, através dela, o que não encontra vias para falar e dar voz (Cairolí e Gauer, 2008). Assim, a escrita se apresenta como um recurso de linguagem em um código social, discursivo, em que assegura uma marca de identificação do sujeito que escreve. Da mesma forma, Bartucci (2001, p.383) propõe o ato da escrita como forma de criação de um sujeito e como um lugar de constituição da subjetividade.

Pensando nessas questões, é possível afirmar que o inconsciente sabe escrever (Borges, 2008), pois o meio que o inconsciente tem para se revelar é o alfabeto, logo a escrita (Machado, 1998). Este inconsciente é também livre de regras: ele comete erros de ortografia, salta letras e infringe as leis da gramática. Maria demonstrava possuir uma linguagem muito particular: escrevia palavras incompreensíveis em um primeiro olhar, demandando-me que eu as decifrasse. Nestes momentos, solicitava que Maria se apropriasse de sua letra e me falasse de seus significados e dos sentimentos dela em relação ao que havia escrito, como nas frequentes palavras que apareciam soltas em seu caderno: 'Família, Amizade, Amigos, União, Respeito, Esperança, Felicidade, Saudade'. Sobre isso, Brink (2008) nos fala que "ao procurar colocar sentimentos em palavras acontece uma transformação subjetiva, uma vez que ao conseguir transpor para o papel fatos, lembranças, desejos, promove-se a própria resignificação dos mesmos". Segundo Sousa (1997), a relação do sujeito com a escrita situa-se no espaço da alteridade, do estranho, do desconhecido e, assim, a escrita é uma tentativa de alcançar um lugar.

E que lugar alcançou Maria?

### **E assim, se conta uma história**

A história de Maria não tem um fim, ela está em seu começo, na busca de um lugar. Na terapia, a menina encontrou formas de reinventar, de criar sua própria história, com os personagens que lhe são necessários. Eu não fiquei de fora. Convocada por Maria a fazer

parte desta história, mergulhei em um vínculo profundo e intenso, que me instigou a compartilhar com vocês parte dessas cenas [em atos] que, aos poucos, fomos criando.

Em um dia de atendimento, o silêncio de Maria se rompeu e seu corpo não era mais apenas sensações e gestos, agora ele incorporava a palavra: a menina possuía a escrita! E escreveu estes versos para mim: “Não te dou uma rosa porque tem espinhos. Mas te dou meu coração com muito amor e carinho”. Estes versos de Maria recaíram sobre mim, repletos de significados. Senti que os mesmos precisavam de uma resposta, pois eles vinham a mim e precisavam de um retorno para Maria. Assim, decifrei-os a ela: “Acho que tu estás querendo me dizer que, apesar de tantos espinhos que já te machucaram, aí dentro tem muita coisa boa. Um coração que tu quer que eu cuide”. Em resposta, Maria sorriu. Com seu corpo, com sua alma. Minha palavra também recebeu um lugar dentro da menina. Maria então me disse “Guarda! Eu quero que fique contigo”. Sim, ela estava comigo, Maria e eu nos apropriávamos de sua palavra, de sua escrita.

De acordo com Breda (2005), “a escrita, por seu caráter de permanência através do tempo, por seu aspecto de perdurar como registro transmissível entre gerações, transcendendo o tempo da memória individual, diferencia-se da fala, sempre volátil e fugidia, e possibilita a inscrição do sujeito alhures”. Desta forma, Maria encontrou nas suas escritas, muito mais presentes que suas falas, uma forma de se “eternizar” no tempo e nas relações. Assim, é no compartilhamento entre pares, nos efeitos da acolhida desses escritos, que se dá a possibilidade de encontrar um lugar (Rodrigues, Gleich & Rickes, 2009).

### **Considerações Finais**

O acesso à fala, assim como a transição da criança ao desenho e à escrita, encontra-se na relação que o indivíduo estabelece com o Outro. Este Outro real lançará um olhar que irá possibilitar à criança a apropriação de sua imagem especular, que estará implicada no processo de construção e constituição da letra que só existe no olhar deste Outro (Martta, 2003). Falar de clínica é, de algum modo, falar de uma escritura; de uma escritura na qual o analista está contido. Assim como em Freud, em Lacan a temática da escrita tem uma força que vale não negligenciar (Rickes, 2005). Nesta produção, duas escritas se fizeram possíveis: as escritas de Maria, que deram vida a este trabalho e fizeram nascer uma segunda escrita, a

## Artigos

escrita da terapeuta. Com isto, escrevo e compartilho com vocês esta história, também como forma de elaborar e encontrar os significados desta paciente para mim.

E assim, em prosa e verso, a vida de Maria é escrita e reescrita e reinventada e reelaborada. Dor e sentimentos ganham significado, passam a ser nomeados, não estão mais no vazio. Sim, o silêncio se desfez... A menina tem voz e, mais do que isso, a menina tem letra!

## Referências

Albertini, P. (1994). *Reich: histórias das formas e formulações para a educação*. São Paulo: Agora, 1994.

Anzieu, D. (1997). *Psicanálise e linguagem: do corpo à fala*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

Audouard, X. (2010). O silêncio: um “mais-de-palavra”. In: Nasio, J. D. *O silêncio na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

Backes, C.(2004). A reconstituição do espelho. In: COSTA, A. M., BACKES, C., RILHO, V. e OLIVEIRA, L. F. L. (Orgs.). *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Bartucci, G. (2001). Entre o mesmo e o duplo, inscreve-se a alteridade. *Psicanálise freudiana e escritura borgiana*. In: Bartucci, G. (Org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

Bernardin, J. (2003). *As crianças e a cultura escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Bernardino, L. M. F. (2003). *Escritura e escrita na psicanálise com crianças neuróticas*.

*Estilos da Clínica*, 8, 2003, pp 12-19. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v8n14/v8n14a02.pdf>> Acesso em 23 ago 2014.

Borges, S. (sd). *Letra a letra, o gozo da escrita*. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, 40,

2008. Disponível em: <<http://www.spid.com.br/revistas/r40.2/07%20TP40.2%20-%20Sonia%20Borges.pdf>>

Acesso em 23 ago 2014.

## Artigos

Breda, F. P. (2005). *Escrevendo a clínica com crianças*. C. da APPOA, Porto Alegre, 133, 2005, pp 49-54.

Brink, H. A. T. (sd). *Grupo poesia: a escrita numa unidade psiquiátrica*. Boletim da Saúde, 21, 2008. Disponível em: <<http://www.esp.rs.gov.br/img2/GrupoPoesia.pdf>> Acesso em 23 ago 2014.

Bowlby, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Cairolí, P. E Gauer, G. C. *A adolescência escrita em blogs*. Estudos de Psicologia, Campinas, 26, 2008, pp 205-213. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/08.pdf>> Acesso em 23 ago 2014.

Castello Branco, L. (2001). A escrita fora de si: do sopro Clarice à textualidade. *Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. Ilhéus: Editus, 2, 2001, pp 307-340.

Feldenkrais, M. (1997). *Consciência pelo movimento*. São Paulo: Summus.

Fernandez, A. (1987). *La inteligência atrapada*. Buenos Aires: Nueva Vision.

Freud, S. Luto e melancolia. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1915 (1969). v. 14.

GIL, J. (1997). *Metamorfoses do corpo*. Editora: Relógio D'água, 1997.

Homem, M. L.(2012). *No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector*. São Paulo: Boitempo: Edusp, 2012.

Kehl, M. R. Prefácio. (2001). In: COSTA, A. *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão de experiência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

Kovács, M. J. (1996). A morte em vida. In: BROMBERG, M. H. P. F., KOVÁCS, M. J., Carvalho, M. M. M. J. & Carvalho, V. A. (Orgs.). *Vida e morte: laços da existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Lacan, J. (2002). *Escritos*. São Paulo: Perspectiva.

## Artigos

Loparic, Z. (sd). *É dizível o inconsciente?* *Natureza Humana*, 1, 1999, pp 323-385. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v1n2/v1n2a05.pdf>> Acesso em 23 ago 2014.

Machado, A. M. N. (1998). *Presença e implicações da escrita na obra de Jacques Lacan*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí.

Martta, M. K. (2003). A construção da escrita a partir do outro. *C. da APPOA*, Porto Alegre, 117, 2003, pp 13-17.

Marzano-parisoli, M. M. (2004). *Pensar o corpo*. Petrópolis: Vozes.

Meireles, C. (1990). *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

Milanez, N. & Fonseca, M. C. (2012). *Corpo e escrita: memórias do sujeito e lugares de autoria*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/NiltonMilanez.pdf>> Acesso em 23 ago 2014.

Poli, M. C. & Becker, A. L. (2004). Adolescência: uma abordagem na psicanálise lacaniana. In: Macedo, M. *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Poulichet, S. (2010). A ruptura do silêncio. In: NASIO, J.-D. *O silêncio na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Reik, T. (2010). No início é o silêncio. In: Nasio, J.-D. *O silêncio na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

Reisin, A. (2005). *Arteterapia, semánticas y morfologías*. Buenos Aires: El Autor.

Rickes, S. M. (2005). Analistas... Escribas. *C. da APPOA*, Porto Alegre, 133, 2005, pp 37-43.

Ritvo, J. B. (2000). O conceito de letra na obra de Lacan. In: Ritvo, J. B. *A prática da letra*. Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana, 2000.

Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Fiocruz editora.



## Artigos

Rodrigues, M. M., Gleich, P. E Ricketts, S. M. (2009). Palavras-iscas. *C. da APPOA*, Porto Alegre, 176, 2009, pp 3-8.

Sartore, A. R. (sd). *Escrita e angústia*. An 6 Col, 2006. LEPSI IP/FE-USP. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100019&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100019&script=sci_arttext&tlng=pt) Acesso em 23 ago 2014.

Schons, C. R. (2011). Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: Schons, C. R. e RÖSING, T. M. K. (Org). *Questões de escrita*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

Silva, P. C. (sd). *O lugar do corpo: elementos para uma cartografia fractal*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, 1995. Tese de Doutorado em Ciência do Desporto. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10256> Acesso em 23 ago 2014.

Sousa, E. (1997). O eus nos textos: escrito de adolescentes. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *Adolescência entre o passado e o futuro*. Rio de Janeiro: Artes e Ofício, 1997.

Tavares, A. (sd). *A contribuição do corpo na construção da escrita*. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, 8, 2009, pp 11-18. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/download/20157/10754> Acesso em 23 ago 2014.

Thomas, M.-C. (2010). As formas do silêncio no esquecimento de Signorelli. In: NASIO, J.-D. *O silêncio na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Weinberg, C. (1999). O gato comeu: algumas considerações sobre a função terapêutica da escrita. In: Rubinstein, E. e col. *Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Wilde, O. (2011). *O retrato de Dorian Gray*. Coleção: Novis Biblioteca Visão.

Winnicott, D. W. (2012). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 6ª Ed, 2012.

\_\_\_\_\_. (2011). *A família e o desenvolvimento individual*. Editora: Martins Fontes, 4ª Ed, 2011.

## Artigos

\_\_\_\_\_. (1998). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica – Uma Abordagem Didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.